



Práticas escolares e a formação religiosa das professoras da cidade de Porteirinha/MG (1935 a 1955)

Wilney Fernando Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Brasil

Gersiane Franciere Freitas Ribeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – IFNMG, Brasil

Apoio e financiamento: CAPES

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as práticas escolares realizadas no Grupo Escolar João Alcântara da cidade de Porteirinha/MG, no período de 1935 a 1955, além disso, a pesquisa busca mostrar como se dava a formação das professoras desta instituição. Para tanto, revisitaremos a principal instituição formadora de professores no norte de Minas Gerais: o Colégio Imaculada Conceição. Como método de investigação, propôs-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental com a consulta dos livros de atas de reuniões de professoras, das associações religiosas, boletins escolares, jornais, álbum de fotografias e livros do tomo. Como resultados, pode-se afirmar que o trabalho pedagógico das professoras do Grupo Escolar João Alcântara, egressas do Colégio, era tido muito mais como missão sagrada do que como uma profissão. Conclui-se que não se tratava somente de uma educação profissionalizante, mas também de uma educação voltada para o polimento e para o fortalecimento da religião católica.

PALAVRAS-CHAVE: Prática escolar. Formação docente. Grupo Escolar João Alcântara. Porteirinha/MG.

SCHOOL PRACTICES AND THE RELIGIOUS FORMATION OF TEACHERS OF THE CITY OF PORTEIRINHA/MG (1935 TO 1955)

ABSTRACT

This paper aims to investigate the school practices carried out at the João Alcântara School Group of the city of Porteirinha/MG, from 1935 to 1955; in addition, the research seeks to show how the teachers of this institution were trained. To this end, we will revisit the main teacher training institution in northern Minas Gerais: the Imaculada Conceição College. As a research method, was propose bibliographic research and documentary research by consulting the books of minutes of teachers' meetings, religious associations, school report cards, newspapers, photo albums and tumble books. As a result, we can say that the pedagogical work of the teachers of the João Alcântara School Group, graduates of the College, was considered much more as a sacred mission than as a profession. It is concluded that this was not only a vocational education, but also an education aimed at polishing and strengthening the Catholic religion..

KEYWORDS: School practice. Teacher training. João Alcântara School Group. Porteirinha/MG

PRÁCTICAS ESCOLARES Y FORMACIÓN RELIGIOSA DE MAESTROS DE LA CIUDAD DE PORTEIRINHA/MG (1935 A 1955)

RESUMEN

Este documento tiene como objetivo investigar las prácticas escolares llevadas a cabo en el Grupo Escolar João Alcântara de la ciudad de Porteirinha/MG, desde 1935 hasta 1955; además, la investigación busca mostrar cómo se capacitó a los maestros de esta institución. Con este fin, volveremos a visitar la principal institución de capacitación de maestros en el norte de Minas Gerais: el Colégio Imaculada Conceição. Como método de investigación, proponemos la investigación bibliográfica y la investigación documental mediante la consulta de las actas de las reuniones de maestros, asociaciones religiosas, boletas de calificaciones escolares, periódicos, álbumes de fotos y libros de tumbler. Como resultado, podemos decir que el trabajo pedagógico de los maestros del Grupo Escolar João Alcântara, graduados del Colegio, fue considerado mucho más como una misión sagrada que como una profesión. Se concluye que esto no solo fue una educación vocacional, sino también una educación dirigida a pulir y fortalecer la religión católica.

PALABRAS CLAVE: Práctica escolar. Formación del profesorado. Grupo escolar João Alcântara. Porteirinha/MG.

1 INTRODUÇÃO

A abertura do semestre letivo no Grupo Escolar João Alcântara, no dia 2 de julho de 1946, retratou, de forma exemplar, o cotidiano desta instituição educativa. Naquela oportunidade, participaram profissionais autônomos, como: dentistas, engenheiros, agrimensores, contadores, ou seja, os bacharéis da cidade, possuidores de rara instrução na época, além de donos de empreendimentos comerciais e industriais, fazendeiros, o vigário, o interventor/prefeito da cidade, servidores públicos e professoras. O momento reuniu grande parte da elite local, detentores do poder econômico, político e social. Sem dúvida, a presença destas pessoas naquele local dava grande visibilidade e prestígio ao Grupo Escolar.

Em um trecho de seu discurso, a diretora, Maria Lisbela Pereira, disse:

O início dos trabalhos escolares é um dos mais belos dias da vida do escolar, porque a instalação do Grupo Escolar João Alcântara é a abertura de um templo de luz *de Deus*, onde os espíritos juvenis vão beber as instruções indispensáveis ao preparo para a grande luta pela vida e receber *a moral* que vai formar o caráter para a futura felicidade (GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1946, p. 2, grifo nosso).

Ao afirmar que os alunos recebiam a moral para a formação do caráter, a diretora deixou implícito que os alunos receberiam a moral católica. O discurso rompia o princípio político que rejeitava a influência da Igreja Católica na esfera pública do Estado, considerando que os

assuntos religiosos deveriam pertencer somente à esfera privada do indivíduo, e deixou nítido o tom moralizante e religioso que pairava no espaço educacional.

De acordo com toda a documentação analisada, entre 1935 e 1955, 90%¹ das professoras do Grupo Escolar eram egressas do Colégio Imaculada Conceição, principal centro regional educacional católico das filhas da elite local. Como o enfoque principal era a formação católica, as alunas deste colégio participavam da missa diariamente e pertenciam às diversas associações religiosas da época.

Assim sendo, a formação das professoras já nos fornece indícios da prática docente dentro e fora da escola. Quando se tornavam professoras e regressavam às suas cidades de origem, além de se ocuparem com as atividades da docência, participavam de alguma associação religiosa. Em Porteirinha, por exemplo, em 1947 e 1948, 75%² das professoras do Grupo Escolar acumulavam funções no Apostolado da Oração e na Associação Filhas de Maria.

A cidade de Porteirinha teve sua emancipação política em 17 de dezembro de 1938. Geograficamente, o município de Porteirinha está localizado na área mineira do polígono das secas, mesorregião semiárida do norte de Minas Gerais, microrregião de Janaúba. A sede municipal está situada a 755 metros de altitude e dista da capital do Estado 593 quilômetros, conforme mostra a Figura 1.

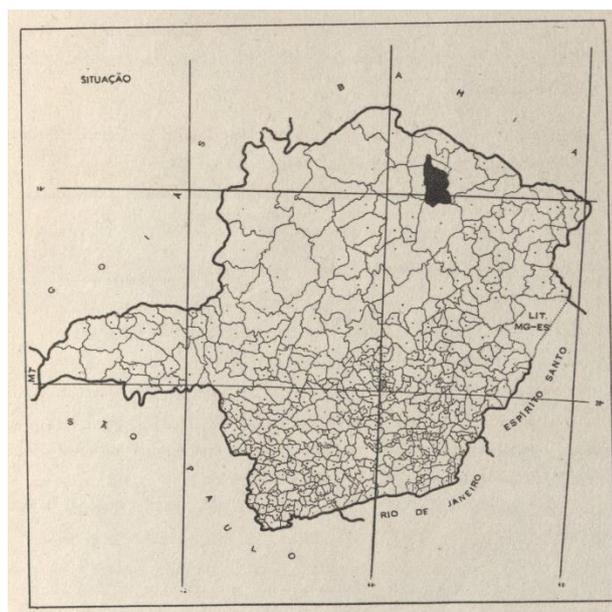
Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1947), o município de Porteirinha foi criado com a unificação de quatro distritos: o da sede, Gortuba, Serranópolis e Riacho dos Machados. No Recenseamento Geral de 1940, Porteirinha contava com uma população de aproximadamente 20.686 habitantes. Ainda conforme o IBGE (1947), a pecuária, a agricultura e a cotonicultura representavam as principais atividades econômicas do município. A cidade contava com uma indústria pouco desenvolvida, não havia abastecimento de água encanada nem rede de esgoto. Havia poucas escolas e pessoas com Ensino Superior. A população era marcadamente rural e católica.

A Igreja Católica teve forte influência nas decisões sociais, econômicas e políticas da cidade. A Igreja apoiava e abençoava o poder constituído e participava dos principais acontecimentos públicos. Em contrapartida, ela recebia doações, apoio e prestígio social, sobretudo pela comunidade escolar.

Figura 1 - Localização do município de Porteirinha/MG

¹ Fontes: 1) Livro de Atas das Filhas de Maria (1951); 2) Oliveira (2012); 3) Grupo Escolar João Alcântara (22/03/1956 a 06/05/1961); 4) Grupo Escolar João Alcântara (01/02/1946 a 16/07/1954).

² Fontes: 1) 1º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha. Porteirinha/MG, 30 de outubro de 1941 a 11 de setembro de 1949; 2) 2º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha. Porteirinha/MG, 9 de outubro de 1949 a 3 de março de 1957; 3) e do Livro de atas da Pia União das Filhas de Maria da Paróquia de Porteirinha, 10 de outubro de 1951 a 19/12/1966.



Fonte: IBGE. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Vol. XXVI. Rio de Janeiro, 1959, p. 407.

No Grupo Escolar João Alcântara, as semanas comemorativas, os projetos escolares, o calendário, os conteúdos pedagógicos, os auditórios e o início e fim dos trabalhos letivos ganhavam grande relevância na cidade, visto que permitiam uma prática formativa que extrapolava a sala de aula e os muros da escola, além de valorizar os seus aspectos sociais.

Evidentemente, tudo isso fazia parte, em âmbito internacional, de um poderoso projeto educativo que buscava formar as professoras dentro de sólidos princípios cristãos. Alguns defensores da educação feminina e educadores afirmavam que as mulheres tinham por natureza uma inclinação para o trato com as crianças e que elas eram as primeiras e naturais educadoras. Neste contexto, a educação feminina, na época, supervalorizou a imagem e o simbolismo da Virgem Maria e o magistério foi compreendido como uma extensão da maternidade.

Para compreendermos este projeto educativo cristão, apresentaremos, neste trabalho, algumas ações da hierarquia católica no norte de Minas Gerais. Para isso, utilizaremos, como fio condutor de análise, a atuação dos padres e freiras da Europa na educação da região. Veremos como esse movimento explicitou a ação da Igreja perante temas como laicidade, protestantismo, espiritismo e educação, ou seja, como ela reagiu à chegada dos novos tempos e quais estratégias utilizou para manter sua influência sobre a sociedade.

2 METODOLOGIA

Para a constituição dessa tarefa, foi analisada uma ampla documentação histórica que apresentou práticas, discursos, posturas e vivências das pessoas daquele tempo. Deste modo, foi utilizada, como método de investigação, a pesquisa documental com a consulta dos livros

de atas de reuniões de professoras, das associações religiosas, boletins escolares, calendários, jornais locais e regionais, álbum de fotografias e livros do tombo.

Para dar embasamento histórico-científico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos e dissertações especializadas no campo da História da Educação. Deste modo, foram utilizados os seguintes teóricos: Azzi (2008), Carvalho; Carvalho (2010), Giorgio (1991), Lima; Gatti Júnior (2016), Louro (2004), Moura (2000), Manoel (1996) e Nagle (1976).

Ao elegermos o local como perspectiva de abordagem histórica no norte de Minas Gerais, mais especificamente a cidade de Porteirinha e o Grupo Escolar João Alcântara, foi estabelecida uma fronteira em que algo começou a se fazer presente: sociabilidades diversas, em temporalidades e territorialidades variadas, que passaram a ganhar formas retratadas pela escola, pelos jornais e pela Igreja nesta localidade, imersa em transversalidade das mais diversas dimensões (políticas, educacionais, religiosas, culturais etc.).

Nestes termos, no presente trabalho, a ênfase sobre a história local não se opõe à história global, ou seja, “o recorte sobre história local apenas designou uma delimitação temática mais ou menos inclusiva em função das particularidades que se queira determinar, no âmbito do espaço social e temporal escolhido” (CARVALHO; CARVALHO, 2010, p. 79).

Portanto, compreender os domínios da História da Educação é visualizá-los em um campo de múltiplas dimensões, as quais abrigam o regional, e este se insere no interior de um cenário espacial e temporal mais amplo e geral, que dialoga com as propostas e discussões no âmbito nacional e internacional. Assim, não nos propusemos a fazer História da Educação regional, mas uma História da Educação brasileira com ênfase no regional.

Os resultados do trabalho serão apresentados em três partes. Na primeira, mostraremos algumas estratégias da Igreja Católica a partir do final do século XIX e início do século XX, sobretudo as que se referem ao movimento das congregações europeias e sua instalação nos rincões do país com a finalidade de educar as elites nos colégios.

Na segunda parte, apresentaremos o Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros e a atuação da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Nesta seção, discutiremos, em linhas gerais, como o Colégio educava as futuras professoras dentro de uma concepção cristã. Memorialistas como Paula (2007), Viana (1916) e a pesquisadora Carneiro (2003) atribuíram a esta instituição a responsabilidade pela formação das “moças de família”, ou seja, as que pertenciam à denominada elite econômica e social da região, composta por fazendeiros, comerciantes, advogados, jornalistas, médicos, entre outros.

Na última parte, ao focar nossas lentes em Porteirinha/MG, apresentaremos o Grupo Escolar João Alcântara com o objetivo de entender o projeto de formação das crianças, as

práticas educativas e a missão da escola no tempo e no espaço. O trabalho finaliza com a conclusão e referências.

3 RESULTADOS: AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS E A EDUCAÇÃO CATÓLICA

O século XIX foi o do embate em diversas áreas. O positivismo apresentou-se como o propulsor da ordem, o liberalismo pautou-se na liberdade e, por fim, afloraram as concepções socialistas. A Teoria da Evolução, por sua vez, acabou de vez com o entendimento de que a vida foi criada por intervenção divina. Todo esse conjunto de ideias foi amplamente debatido e disseminado e colocou novamente em xeque os preceitos da Igreja Católica³ e influenciou, desta forma, as decisões da Igreja em relação à sociedade.

De acordo com Lima e Gatti Júnior (2016), várias ordens religiosas foram reconhecidas ou criadas neste período, em comunhão com a conclamação papal. O espírito missionário de várias ordens religiosas da Europa atendeu ao apelo do papa Leão XIII, especificado em sua Encíclica⁴ *Rerum Novarum* (Das coisas novas), de 1891, pela promulgação de um espírito de renovação e combate àquelas ideias. Deste modo, a máxima atribuída ao pontífice Leão XIII *reconquista aqui, conquista lá* ecoou mundo afora. Evidentemente, esse clima do século XIX chegou ao Brasil com a Proclamação da República e fortaleceu-se no século XX.

Os estudos de Borges (2011) revelam que, em 1907, a Igreja Católica incentivou a criação de dioceses, seminários e a vinda das ordens religiosas europeias, construindo todo um aparato capaz de reinstitucionalizar a Igreja no país. Conforme Carneiro (2003), as congregações religiosas, em especial, foram as responsáveis pela inserção da prática religiosa objetivada pelo Vaticano, no mundo. Essas congregações tinham como objetivo expandir estas práticas no seio da sociedade por meio da difusão da imprensa, das novas associações leigas e, sobretudo, da fundação de colégios católicos para educar as crianças e a juventude.

Ainda de acordo com Carneiro (2005), a chegada das congregações religiosas no país representou uma estratégia direcionada pela Igreja, cujo objetivo central era fixá-las em localidades de pouca influência do pensamento moderno liberal. Ao mesmo tempo, ao

³ Segundo Azzi (2008, p. 182), “privilegiando a cristandade medieval como a fase áurea do catolicismo, o movimento de reação assinalava três grandes períodos de crise e decadência histórica: o século XVI, marcado pela negação da Igreja, obra do protestantismo; o século XVIII, caracterizado pela negação de Cristo, pelo racionalismo iluminista; e o século XIX, pela negação de Deus, realizada pelo comunismo”.

⁴ Os vários tipos de documentos eclesiais, principalmente as encíclicas (um tipo específico da carta circular produzida pelos papas, tratando de temas voltados para a doutrina católica, no campo moral, social, político etc.), poderão ser visualizados por meio do seguinte endereço, do Portal do Vaticano: <http://www.vatican.va/offices/papal_docs_list_po.html>. Acesso em: 22 ago. 2016.

estabelecer no interior do país, em regiões cuja urbanização era eminente, essas congregações encontravam o local ideal para desenvolver suas atividades.

Segundo Manoel (1996), o fim do regime do Padroado, ocorrido com o advento da República, fez com que a Igreja Católica também se empenhasse em reconquistar o controle do sistema educacional.

Trabalhando com os dados fornecidos por Moura (2000), uma das pesquisas mais abrangentes a respeito da educação católica no Brasil⁵, foi possível organizar alguns dados acerca do avanço da educação católica enquanto uma forte estratégia da Igreja no país: entre 1500 e 1662 vieram para o Brasil nove congregações estrangeiras que fundaram escolas. Entre 1848 e 1922 este número se elevou para dezessete congregações.

Após a Proclamação da República, o número de congregações que se dedicavam à educação formal/escolar teve um crescimento significativo e o número de fundações de escolas cresceu na mesma medida. Os Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo concentravam o maior número de fundações de escolas: onze no primeiro e cinco nos dois últimos Estados (MOURA, 2000).

As tabelas a seguir, levantadas a partir dos dados do Anuário Católico do Brasil⁶ (1965), trazem mais números para a discussão:

Tabela 1 - Número de congregações e ordens femininas por período de chegada ao Brasil

Período	Número de Congregações e Ordens
1733 - 1742	03
1849 - 1897	17
1900 - 1965	196
Total	214

Fonte: Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS). Anuário Católico do Brasil. Departamento de Estatística. Rio de Janeiro, 1965.

Não há dados de Congregações femininas estrangeiras que vieram para o Brasil antes de 1733. Durante o século XVIII, o movimento de entrada de congregações masculinas estrangeiras parece cessar e inicia-se o processo de entrada de congregações femininas.

Tabela 2 - Número de congregações e ordens masculinas por período de chegada ao Brasil

Período	Número de Congregações e Ordens
----------------	--

⁵ É preciso destacar, no entanto, que, da relação de escolas fundadas fornecida por esta bibliografia, não consta a fundação da primeira escola da Congregação do Imaculado Coração de Maria, em Montes Claros, o que aponta para a necessidade de revisão dos dados.

⁶ O Anuário Católico do Brasil é o guia oficial da Igreja. Criado a partir do *Censo Anual da Igreja Católica*, realizado a cada dois anos, o guia foi publicado pela primeira vez em 1965 e contém os nomes e endereços de todas as células oficiais, ou seja, é o cadastro da presença da Igreja no Brasil. A obra constitui-se no principal instrumento de identificação, registro e estatística da Igreja Católica no país (CERIS, 1965).

1549 - 1585	04
1612 - 1640	02
1733 - 1742	00
1819 - 1898	15
1900 - 1965	81
Total	102

Fonte: Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS). Anuário Católico do Brasil. Departamento de Estatística. Rio de Janeiro, 1965.

É preciso ressaltar que outras cinco congregações femininas foram fundadas no Brasil neste período. Embora o número de congregações masculinas estrangeiras que vieram para o Brasil entre 1549 e 1640 fosse bastante reduzido (apenas seis), o período de crescimento desse número coincide com o de crescimento das congregações femininas no século XIX: no século seguinte, foi cinco vezes maior no caso das masculinas e chegou a ser treze vezes maior no caso das femininas. Neste período, diversas congregações católicas chegaram ao país em um processo crescente que teve seu ápice no século XX (CERIS, 1965).

Na Tabela 3, observamos como as congregações masculinas e femininas alastraram-se pelo país e expandiram-se na área educacional praticamente em toda Primeira República, exercendo o controle sobre as atividades educacionais:

Tabela 3 - Congregações religiosas no Brasil (1890-1920)

Ano	Congregação	Nº de colégios
1890-1918	Jesuítas	09
1903-1920	Benedictinos	17
1890-1919	Salesianos	38
1892-1920	Franciscanos	05
1908-1923	Carmelitas	06
1890-1918	Maristas	49
1820-1915	Lazaristas	04

Fonte: MOURA, Laércio Dias de. *A educação católica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 100-114.

Segundo Manoel, a Igreja Católica soube aproveitar um espaço ainda não totalmente ocupado pelo “inimigo” e, por meio dele, “desenvolver um trabalho saneador, cujo resultado final deveria ser o afastamento tanto das ideias modernas quanto do ensino leigo, considerado necessariamente mau e corruptor” (MANOEL, 1996, p. 55).

A ação concreta de instalação de uma rede escolar, movimentando vultuosos recursos financeiros e humanos, deslocando congregações religiosas, da Europa para o Brasil, apoiava-se em uma teoria cujo eixo de sustentação era atribuir a “crise do mundo moderno” aos principais “erros” da filosofia racionalista e da política liberal, divulgados pela educação leiga

e, como contrapartida, a solução dessa “crise” seria o avanço da educação católica (ibidem, p. 56).

No norte de Minas Gerais, em especial, foram estabelecidas e merecem destaque duas ordens belgas: a masculina, representada pelos Premonstratenses, e a feminina, pela Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, de Berlaar/Bélgica. Nesse período, esta Congregação, reconhecida em 1868, encontrava-se preparada para sua expansão missionária.

Segundo Borges (2011), o convite para vir ao Brasil partiu dos padres Premonstratenses, em especial do padre Francisco Moreau (o padre Chico), que já estavam instalados em Montes Claros. Firmados os devidos acordos entre as autoridades eclesiásticas, foram enviadas ao Brasil quatro irmãs (irmã Maria Odília, irmã Maria Otávia, irmã Maria Remígia e irmã Maria Blandina) com a função de auxiliar nos serviços de enfermagem da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros e fundar o Colégio Imaculada Conceição, direcionado à formação feminina.

A educação era uma das estratégias mais poderosas para a reconquista de poder pela Igreja Católica e o Colégio Imaculada serviu como pilar central nesta empreitada no norte de Minas Gerais, como veremos na seção a seguir.

3.1 O Colégio Imaculada Conceição e a formação do professorado norte-mineiro

As irmãs da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria chegaram ao Brasil em 1907 e, em setembro do mesmo ano, fundam o Colégio Imaculada Conceição, o primeiro para moças em Montes Claros. O jornal *A Verdade* trazia o seguinte anúncio publicitário:

Além de aceitar meninos menores de sete anos, o colégio oferece às moças aulas de Portuguez⁷, Francez, Arithmetica, Geographia e Desenho; e diversos trabalhos, como flores de panno, lata, parafina, conchas, penuas e de palhas; bordados, tapeçarias, feitio de vestidos de varias modas; pintura, aquarella, cestos de alumen e quadros para retratos, etc. (A VERDADE, 1907, p. 4).

O funcionamento deste estabelecimento educativo em Montes Claros durou apenas dez anos, encerrando suas atividades no ano de 1917⁸. No entanto, mais tarde, em abril de 1919, a ordem fundou, ainda em Minas Gerais, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Araguari. No Colégio funcionava também o convento para a formação do noviciado. Como o Colégio

⁷ A fim de manter o “ar do tempo”, foi conservada a grafia original dos textos e dos documentos citados de forma literal.

⁸ Conforme Borges (2011), os motivos que colaboraram para o fechamento do Colégio Imaculada em Montes Claros/MG somam-se a três: o primeiro foi devido aos problemas internos da irmã superiora Berchmans com a autoridade religiosa local. O segundo está ligado ao início da Primeira Guerra Mundial, que inviabilizou o contato das irmãs com a Casa Mãe, na Bélgica. O terceiro foi a crise provocada pela epidemia de gripe espanhola.

Imaculada Conceição ficou fechado em Montes Claros, em 1919 Araguari passou a ser a sede da Congregação no Brasil (BORGES, 2011).

Conforme apontam Lima e Gatti Júnior (2016), durante o período de 1920 a 1958, novos estatutos foram elaborados e oficializados pela congregação, buscando a adequação à realidade institucional e aos desafios assumidos como missão apostólica, sobretudo no que se referia às ações do ensino, à manutenção de pensionatos, às ações voltadas para os leigos e à assistência aos doentes e idosos. Deste modo, a presença missionária das irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar no Brasil teve sua nova inspiração, superando as primeiras dificuldades percebidas desde 1907.

Deste modo, em 1927, mediante o empenho do vigário de Montes Claros, o padre Marcos Van In, regressaram à cidade a irmã Canuta e irmã Maria Inês (ex-aluna do colégio). Ambas, juntamente com irmã Maria Beatriz, irmã Maria Macária e irmã Maria Hippolyta, refundaram o Colégio Imaculada Conceição. Dona Maria Luíza de Magalhães Ribeiro, viúva do Coronel Francisco Ribeiro, cedeu, por dois anos, o Palacete Ribeiro, de sua propriedade, localizado na rua Coronel Prates, para o funcionamento do educandário. Após este prazo, as irmãs da congregação conseguiram adquirir o imóvel, consolidando, assim, o estabelecimento do colégio na cidade (COLÉGIO BERLAAR IMACULADA CONCEIÇÃO, 2017).

O colégio atendeu aos níveis infantil e primário. No ano de 1927, quando o colégio reiniciou suas atividades na cidade, 30 alunos(as) foram matriculados(as) no ensino maternal e pré-primário e 20 alunos(as) matriculados(as) no ensino de 1ª a 4ª série, totalizando 50 alunos. Todavia, o número de matrículas nestas séries aumentou de forma progressiva ao longo de dez anos e no ano de 1937 o colégio contou com um total de 292 alunos matriculados, do maternal à 4ª série (BORGES, 2011).

O jornal *Montes Claros* foi um dos impressos que se pautou em divulgar na região modelos de comportamento do cristão católico. O excerto a seguir apresenta o Colégio Imaculada Conceição como sendo o ambiente educacional propício para colher “os melhores resultados”, considerado “como bem raros [...], e que tem prestado e continua a prestar inestimáveis serviços á causa sagrada da instrução”:

Collegio da Immaculada Conceição

Possue a nossa cidade um estabelecimento de ensino, destinado á educação das creanças de tenra idade, á maneira dos jardins da infancia, que florescem nos grandes centros, dando os melhores resultados.

É o Collegio da Immaculada Conceição, aqui funciona sob a competente direção das beneméritas Irmãs do Sagrado Coração de Maria.

A modestia, que o envolve, faz que não seja ele suficientemente conhecido. Poucos são os que aquilatam devidamente o seu valor. Entretanto trata-se de

um estabelecimento modelo, como bem raros já no genero, e que tem prestado e continua a prestar inestimaveis serviços á causa sagrada da instrucção.

Só quem já visitou esta casa de ensino com olhos de observador pode fazer uma idéa exacta do que seja ella, pode compreender o que ella representa no nosso meio.

Impressiona desde logo o visitante a ordem que alli reina, a disciplina que a tudo preside. É um encanto ver a atenção com que dezenas de creanças, irrequietas, ouvem, sob o mais religioso silencio, as lições, que as esforçadas Irmãs sabem proporcionar com as suas intelligencias, que apenas desabracham.

É a excellencia do methodo, racional e attrhaente, que realiza o milagre de prender a atenção da petizada, que, cheia de interesse e de curiosidade, pende dos labios das abnegadas preceptoras. [...]

Visitem os paes de família o Collegio e só terão a lucrar.

Merece todo o apoio, é digna de todo o carinho esta bela instituição, que honra devéras a nossa Cidade, a que presta os mais valiosos serviços entusiasmo para que ella floresça cada vez mais, em proveito dos pequeninos, almas em flôr, intelligencias em botão, sequiosos de luz, avidos de saber! (JORNAL MONTES CLAROS, 1928, p. 3).

Veja que a criação do Colégio Imaculada Conceição por uma congregação religiosa católica e seu rápido crescimento, gozando de grande prestígio perante a sociedade local, trazem-nos uma ideia de como as ordens estrangeiras conseguiram êxito em suas atividades, aliando educação e religião, conseguindo, dessa forma, disseminar uma filosofia baseada em regras em que predominavam a disciplina e a valorização dos aspectos morais (CARNEIRO, 2005).

Além da formação das crianças, a formação das moças alimentou o desenvolvimento do colégio na região. Carneiro (2005) lembra que a educação europeia, aplicada para a adolescente pelas ordens e congregações femininas, passou a ser um fator que identificava quem eram os grupos mais abastados, tornando-se, assim, uma possibilidade de ascensão social feminina e, logicamente, da família, devido à instrução da menina nesses colégios, os quais ensinavam e transmitiam o tipo de comportamento feminino desejado.

As ordens religiosas tiveram a função de estabelecer alianças com os latifundiários da cidade e região, grupos detentores dos poderes econômico e político locais (CARNEIRO, 2005). Manoel escreve que a chegada e instalação destes colégios no país, nos períodos de 1859 a 1959, contou com a união entre Igreja, Estado e oligarquia. Assim, no ano de 1959, o Brasil já possuía um total de “3.003 estabelecimentos de ensino sendo: 842 escolas públicas, 1.288 escolas particulares leigas e 873 escolas católicas” (MANOEL, 1996, p. 17).

Ainda de acordo com este autor, apesar de serem pouco letrados, os representantes da oligarquia perceberam que não era mais possível manter suas filhas no mesmo grau de ignorância e isolamento em que viviam até então. Tornava-se necessário que as mulheres

soubessem ler, escrever, conversar e que conhecessem um pouco do mundo situado além dos muros de suas casas e das paredes da paróquia mais próxima.

Era necessário educar e cultivar as jovens. Não se tratava de uma educação profissionalizante, mas de uma educação voltada para o polimento das mulheres. Além desta formação para o polimento feminino, Louro (2004, p. 447) afirma que “a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo”.

Neste contexto, a educação feminina, durante a transição do século XIX para o século XX, supervalorizou a imagem e o simbolismo da Virgem Maria. Esta educação também foi justificada pelo desejo da formação da mulher santa e da esposa-mãe (BORGES, 2011). Segundo Louro, o magistério foi compreendido como uma extensão da maternidade. Alguns defensores da educação feminina e alguns educadores “afirmavam que as mulheres tinham ‘por natureza’ uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequeninos” (LOURO, 2004, p. 450).

Ao pesquisar algumas representações sociais femininas como santa, esposa-mãe e professora-primária veiculadas pela revista *Flor do Lácio*, nos períodos de 1943 a 1957, no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros, Borges (2011) inferiu que, neste impresso, a tendência foi associar as atividades docentes às atividades do sacerdócio católico. Ainda de acordo com a autora, esta revista caracterizou-se como um dos principais impressos do colégio, circulou pela cidade e teve como principais colaboradoras alunas e professoras do educandário.

Em 1943, o padre Osmar de Novais Lima, paraninfo da turma de professorandas daquele ano, escreve a seguinte peça oratória na ocasião da formatura da turma. Ao articular alguns valores morais da futura mestra, que foram transmitidos pelo colégio, como “a luz da verdade”, “escrínio de conhecimentos”, arauto do “saber e do bem”, apresentava o formato almejado da imagem da professora da época. O texto foi reproduzido na revista *Flor do Lácio*:

[...] ao beber as alegrias do magistério; eu me sinto bem a contento ilustres diplomandas, para, na simplicidade de mestre, falar a quem dentre em pouco, irá, de facho em punho, levar às desabrochantes inteligências a luz da verdade, do saber e do bem. [...] Não farei tanto. As vossas dedicadas mestras, sem êste estratagema, inocularam em vossas almas o nectar que suavizará os vossos dias, o bálsamo que preservará vossos corações, quer nas atividades de que sois modelos, quer nos conhecimentos de que sois escrínio. Uma palavra apenas de incentivo, um lembrete para os dias dos sacrifícios, que são maiores que os dos prazeres, na espinhosa montanha que empenhareis em subir. Diplomandas, ao encetardes a caminhada de responsabilidade que a vossa investidura os traça, na presente hora uma bússola certa se coloca em vossas

mãos de incipientes mestras. É aquela que o compromisso prestado vos indica o dever (FLOR DO LÁCIO, 1943, p. 1-2).

Atributos como “desabrochantes inteligências”, “dedicadas mestras”, “sacrifícios que são maiores que os dos prazeres” e “responsabilidade que a vossa investidura os traça” denotavam as construções de significações e características sobre como deveriam proceder as futuras mestras (BORGES, 2011). A partir de Louro (2004, p. 455), identificamos que “uma série de símbolos, doutrinas e normas foram mobilizados para a produção dessas mulheres professoras”. Como um ideal de modelo a seguir seguido, a professora passaria a ser uma professora-cristã, que deveria servir a Deus e à Pátria no exercício do magistério (BORGES, 2011).

Deste modo, às “incipientes mestras” era prescrito o dever para com Deus e para com a Pátria. Ao avançar no texto, o padre Osmar Novais Lima assegura:

O dever é a correspondência às determinações que Deus e Pátria escrevem na vossa razão, consciência, coração e caráter. E para vós êle se apresenta envolvido na auréola esperançosa de ensinamentos bebidos na maviosa fonte de uma educação aprimorada e bem cuidada. Levais, portanto, a certeza da consecução da meta, porque tendes a fé inquebrantável em Jesús Cristo, nosso Divino Senhor, e latente vive em vossos corações a pátria imortal de tradições admiráveis, o Brasil. *Dever para com Deus*: Para com Deus êle é o verbo, é a sabedoria e essência. Enquanto nós a recebemos, êle a dá, por ser a própria ciência, como é a luz de tudo que vive. Recipientes das emanações científicas humanas, que, também são de Deus, cabe-vos a elevação de sentimentos ao Espírito Supremo, em uma ação de graças, testemunho de vosso reconhecimento. [...] Da vossa cátedra saiam para fazer o bem, como arauto de renovação social, as lições preparadas sob olhar carinhoso de Jesús. [...] No serviço de Deus há cruces. Estas terão, contudo de Deus a recompensa. [...] *Dever para com a Pátria* [...]. A imagem da Pátria deve refletir continuamente no espelho de vossas almas. Acima de vossas preferências individuais a mestra deve dar ao seu país grande parte de suas atividades, para maior realce de sua grandeza. É de sua própria missão plasmar na criança este grande sentimento que conservará viva em seus atos a tradição da Pátria [...]. E seu amor pelo nosso Brasil seja tão intenso quanto o nosso. [...] E tereis, então o galardão de vossos trabalhos e sacrifícios. Com a compreensão desta dupla grandeza: *Deus e Pátria* (FLOR DO LÁCIO, 1943, p. 1-2, grifos do autor).

Quando o padre chamou atenção das professorandas para o cumprimento do Dever para com Deus, ele fundamentou suas palavras nos princípios agostinianos⁹. Assim, ao evocar a frase

⁹ Santo Agostinho (350-430) nasceu em Tagaste, parte oriental da atual Argélia, na África. Considerado cidadão romano por benefício legal, teve sua formação marcada pela dualidade, seja pelo paganismo do pai e o Cristianismo da mãe, seja pelos princípios da educação romana contrapostos com os princípios do Cristianismo. Após sua conversão, ocorrida aos trinta e dois anos, abraçou o Cristianismo, tornando-se seu árduo defensor, firmando-se na formação dos cristãos. Destacou-se como o mais importante filósofo e teólogo, no limiar entre a Antiguidade e a Idade Média, escrevendo sobre diversos temas ligados ao Cristianismo. Entre estes temas estava a questão do pecado original. “Afirmou que o homem, antes do pecado, vivia sob a graça divina, livre da luxúria e da

“êle é o verbo, é a sabedoria e essência. Enquanto nós a recebemos, êle a dá, por ser a própria ciência, como é a luz de tudo que vive”, o padre quis dizer que Deus é a luz¹⁰, é aquele que permite e possibilita ao homem conhecer. No entanto, cada professora teria a tarefa de olhar para o entendimento, para a luz do espírito, para a fonte do saber, para Deus.

No final da peça, o padre Osmar Novais Lima apontou para a nova etapa da vida daquelas mulheres, ao dizer que elas seriam como espelhos e guias a serem refletidos. Vejamos: “Não sereis mais guiadas. Não tereis mais regulamento a vos indicar a rota. Sereis, pelo contrário, guias. Apontareis às inteligências novas um horizonte mais claro, mais belo e cheio de fascinações e saber. Saber iluminado pela fé, pela sã moral” (FLOR DO LÁCIO, 1943, p. 2).

Cabe aqui uma questão: qual seria, então, o papel do professor no processo do conhecimento? Baseando-se na obra *De Magistro*, de Santo Agostinho, as novas professoras primárias eram instrutoras, intermediárias e facilitadoras entre aqueles que buscam o conhecimento (no caso, as crianças) e a sua fonte (Deus) (AGOSTINHO, 1984).

As professoras, então, eram reconhecidas como obra da divindade, as orientadoras da educação, mediadoras da fé cristã. Para o Bispo de Hipona, a fórmula completa para o entendimento encontra-se em crer e buscar em Deus o entendimento, pois n’Ele reside a verdade (MELO; SALINAS, 2013), ou seja, em última instância, a aprendizagem só pode ser satisfeita por Deus.

O padre também evocou os deveres das professorandas para com a Pátria. Conforme Nagle (1976), o Catolicismo se mostrou como peça agregadora na campanha do nacionalismo brasileiro. Os ideais propagados pela peça, que articulavam os valores religiosos, da Igreja, com os do patriotismo, do Estado Novo, formavam as professoras primárias católicas, disciplinadas e patriotas.

concupiscência, com o corpo e a alma ilibados. Após a queda (pecado original), entregue a seu orgulho, o homem distanciou-se do criador, direcionando seu desejo para a criação. Para o teólogo, a única forma de voltar a um estado próximo àquele anterior ao pecado de Adão e Eva seria mediante a graça divina. Tido que o ato de pecar foi escolha livre do homem, não caberia a este, exclusivamente, então, a responsabilidade pela busca de uma ação que fizesse com que o corpo ficasse submisso à alma, por meio da docilização, e assim viver sem a malícia do pecado? Ele asseverou que sem a graça isso seria impossível, porém afirmou, também, que alguns instrumentos poderiam ajudar o homem na busca por viver sob a graça divina, um deles é a educação. Ao colocar que a educação é um instrumento norteador para o homem viver sob a graça divina, Santo Agostinho sinaliza para a importância da graça na formação do cristão” (MELO; SALINAS, 2013, p. 189).

¹⁰ A Teoria da Iluminação Divina de Santo Agostinho é compreendida como a ação de Deus na mente humana. É vista como uma luz natural de Deus, a partir da qual ele insere na mente humana as verdades eternas e imutáveis, oferecendo ao homem a possibilidade de achar o verdadeiro conhecimento e, deste modo, chegar à felicidade. De acordo com Melo e Salinas (2013), tomando a imagem criada por Platão, Santo Agostinho afirma que Deus ilumina, mas cabe ao homem enxergar. Por isso, é imprescindível que o homem mantenha a sua visão interna em boas condições. Santo Agostinho é imperativo: “[...] Uma fuga completa das coisas sensíveis. [...] É necessário que estejam íntegras e perfeitas para voar das trevas à luz, esta que não se mostra aos encarcerados na prisão do corpo, a não ser quando dele nos libertamos” (AGOSTINHO, 1995, p. 57). Por esse motivo é que o teólogo insiste na necessidade do homem romper com os bens terrenos e as paixões que estes despertam, pois, assim, cria condições de contemplar a verdade e ver a luz.

Nesta época, a Igreja aproveitou para intitular-se a responsável por manter unida a “alma nacional” e já que o país buscava uma “unidade nacional” nada melhor que se manter aliado a uma “religião nacional”. Veja que, deste modo, o padre Osmar Novais Lima diz: “A imagem da Pátria deve refletir continuamente no espelho de vossas almas” (FLOR DO LÁCIO, 1943, p. 2), ou seja, para a Igreja, elas nunca deveriam perder de vista que a tradição católica no país fabricou a “alma nacional”.

Deste modo, à mulher professora era reservado o papel de educadora dos aspectos morais e patrióticos. Acima de suas preferências individuais, deveriam reinar seu amor, sua labuta e seus sacrifícios pela grandeza do país. A professora e a escola tinham a responsabilidade maior pela condução do espírito patriótico. Nesse modo de pensar, a criança educada desde a mais tenra idade em princípios morais religiosos e patrióticos resultaria em um adulto que acataria as normas estabelecidas pelos dirigentes. Seria, portanto, uma unidade nacional em conjunto com uma cultura moral (educação religiosa), como o melhor instrumento capaz de nacionalizar a infância.

A Figura 2 apresenta um anúncio publicitário do jornal *Gazeta do Norte*, de dezembro de 1949. Ao traçar o perfil das formandas do Colégio Imaculada Conceição, a mensagem resume, de forma exemplar, a imagem ideal de mulher. Além disso, o anúncio afirma que o colégio

[...] tem por finalidade especial proporcionar às educandas, a par de suficiente instrução, sólida educação baseada na religião e na moral, afim de prepará-las aos diferentes estados de vida, tornando-as virtuosas, habituadas ao trabalho, úteis á família e á sociedade (GAZETA DO NORTE, 1949, p. 4):

Figura 2 - Anúncio publicitário do Colégio “Imaculada Conceição”

Colégio "Imaculada Conceição"

MONTES CLAROS - ESTADO DE MINAS GERAIS
Rua Cel. Prates, 276 - Tel 1-96

Estabelecimento de ensino feminino, dirigido por Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria

DIRETORA: Irmã Maria Rudolfa

Tem por finalidade especial proporcionar ás educandas, a par de suficiente instrução, sólida educação baseada na religião e na moral, afim de prepará-las aos diferentes estados de vida, tornando-as virtuosas, habituadas ao trabalho, úteis á família e á sociedade

Mantém os cursos primário, ginasial, de formação de professores e técnico de contabilidade

Em 1950 funcionará o curso científico, COM HORARIO NOTURNO

Internato - Semi-Internato - Externato

Aulas especiais de pintura, piano e dactilografia

Corpo docente perfeitamente idôneo

A 1.º de Fevereiro, iniciar-se-á o Curso de Admissão, com o objetivo de tornar as candidatas ao curso ginasial habilitadas aos exames de admissão

Dóculos exigidos, a esse ensejo:

a) certidão de idade, de registro civil, provando ter a candidata 11 anos completos;

b) atestado médico, provando ter sido vacinada, não sofrer moléstia contagiosa ou incompatível com o magistério

As matriculas para os diversos cursos já se acham abertas

Fonte: GAZETA DO NORTE. *Colégio "Imaculada Conceição"*. Montes Claros/MG, 1949, p. 4.

Deste modo, pautada em uma forte educação católica, a formação docente no colégio era destinada à família e à sociedade, e esta formação prepararia a mulher para os diferentes estados de vida, ou seja, formaria a jovem virtuosa, a esposa zelosa, a mãe cuidadosa, a professora católica. Enfim, o trabalho da professora egressa do colégio era tido muito mais como missão sagrada do que como uma profissão.

Nesta mesma linha de raciocínio, Borges (2011, p. 97) afirma que no colégio “além da instrução escolar, voltada para a formação docente, as mulheres recebiam uma educação moral e religiosa, cuja imagem da Virgem Maria atuou como modelo de perfil feminino ideal”. A autora demonstra que, em alguns casos, a equipe de editoração da revista *Flor do Lácio* recorria ao uso de imagens, articulando a profissão docente com a imagem da Virgem Maria, como demonstra a Figura 3.

Figura 3 - Capa da revista Flor do Lácio (fascículo n. 5, 1945)



Fonte: FLOR DO LÁCIO. Impresso do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros. Montes Claros/MG, fascículo n. 5, 1945.

Na imagem, além de elementos nacionalistas e católicos, é possível identificar elementos que nos conduzem a crer que as mulheres, mediante o diploma de normalista, seriam a figura que conduziria a educação da Pátria. Mas elas não fariam isso sozinhas, seriam guiadas pela Virgem Maria e pelos valores morais que lhes foram transmitidos pelo Colégio Imaculada Conceição (BORGES, 2011).

Além dessa figura, a tradução da capa, apresentada em comentário no fascículo, mostra a seguinte mensagem:

Traduzindo nossa capa

Foi pensando em você, minha normalista, que rabisquei esta página. E, como em todo feito supõe-se um fim, o dos meus rabiscos será evidenciar-lhe que algo de mais sério, mais real marca-lhe esta nova quadra da vida. Tudo passa – diz-se, à guisa de provérbio – por isso que sua vida de estudante, boa ou má que foi, esvaiu-se, também. Duvida? Detenha-se um momento. Vê esta jóvem? É você, você que contempla, num misto de admiração e incerteza, o seu mundo de amanhã. Procura alguma coisa... Compreendo-a: é o seu colégio, a casa bem amada que concebeu para uma idealidade sublime. Longe lhe está dos olhos mas creio-o pertinho do Coração, e, a ele – sou eu quem a implora – ame essa casa e peça a Deus por ela. Erga os olhos e, com santa alegria, êles verão Aquela a quem contemplam os anjos – beleza quase infinita – Maria, sua mãe, em cujo coração quer abrigá-la. Seja pois, sua filha. A seu lado alteia-se aquela que é o gorgueio dos poetas, o gemer da lira, a sua bandeira, e lembrem-se de que a mulher cristã e brasileira prima-se do dever (FLOR DO LÁCIO, 1944, p. 10).

Este comentário comprova que o Colégio Imaculada Conceição foi a “casa sublime” onde, depois de instruída, a mulher cristã e brasileira deveria se primar do dever. A mulher seria direcionada a um caminho que a conduziria a um ponto de chegada: Deus e Pátria. Assim, o diploma seria o prêmio pelas dificuldades vencidas, mas não seria o fim último da normalista (BORGES, 2011).

As incertezas e os receios humanos, típicos de uma recém-formada, eram acalentados pela sinalização da existência da sábia e Divina Providência. Em outras palavras, era necessário, primeiramente, que se confiasse em Deus e na Virgem Maria, completa a autora.

A revista ainda trazia a seguinte mensagem:

[...] Um diploma! Tome-o. Justo prêmio que lhe vem falando de mil e uma dificuldades vencidas. E esta palma, que lhe faz ela, senão certificá-la de uma grande vitória? Venceu! Triunfou! Felicito-a – Repare estes três caminhos que lhe abrem. Receiosa, pensativa, sem coragem, é assim que a suponho minha normalista. Acalme-se. A sábia e divina Providência colocá-la-a em seu caminho. Atenta-me, ainda: seja qual for o seu campo de ação, não esqueça de que Deus e Pátria muito esperam de você e não queira, por uma covardia ingrata, frustrar os intentos. Em sua rota – cujo fim último será Deus – não lhe faltarão rosas, mas também... espinhos. Coragem! Colha-os, todos, por êles chegará ao céu, e lá, brilhará como estrêla, consoante as palavras do psalmista. “Todo aquele que houver conduzindo muitos à justiça, brilhará como estrela,

eternamente e sempre”. Agora, deixo-a. Vá e seja feliz (FLOR DO LÁCIO, 1944, p. 10).

Como se lê, não era nesta vida que a normalista recebia pelo seu esforço e empenho, ou seja, era no céu, junto à “Maria, sua mãe”. A mensagem traz a imagem da professora mestre humilde que tem uma missão a cumprir na Terra: salvar almas para Deus e formar cidadãos para a pátria.

A tradução da imagem que compôs as capas dos fascículos números 4/1944 e 5/1945 da *Flor do Lácio* também demonstrou aspectos que conduzem a perceber que a mulher-normalista, depois de instruída e escolarizada, transformar-se-ia na principal condutora da educação brasileira. Segundo Nagle, a integração do nacionalismo com o Catolicismo foi um meio encontrado por ambos para “criticar a civilização material do mundo moderno e não aceitar a instituição do ensino leigo. O elo final do encadeamento foi a pregação da doutrina da disciplina e da ordem” (NAGLE, 1976, p. 52).

Desta forma, enquanto centro irradiador da formação da professora norte-mineira, o Colégio Imaculada Conceição promovia, por meio de vários meios, sua ligação com a casa, com o lar, na medida em que permeava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto. Buscava o ideal de mulher virtuosa, pilar de sustentação do lar, católica e seguidora da Virgem Maria, educadora das gerações do futuro, prestativa e importante à Pátria.

O Hino do Colégio, escrito pela irmã Maria de Lourdes durante a década de 1940, expressa, de uma forma sintética, esses valores e princípios:

Hino do Colégio Imaculada Conceição

Nesta *casa* bendita onde impera
De *Jesus* o *Evangelho* tão puro
Vive o povo feliz que prospera
E prepara a *Pátria* o *futuro*

Eis, pois, *jovens filhas do Norte*
Trabalhai por honrar a *bandeira*
Do *Brasil* *senhoril bom e forte*
A pulsar nesta terra *Mineira*

Cultuando o *torrão adorado*
Que sorri sob a luz do *Cruzeiro*
O Colégio é mesmo fadado
A porvir triunfal lisonjeiro

Sob as *bênçãos azuis de Maria*
Nossa Escola qual *Mãe Carinhosa*
Vem formando a sorrir dia-a-dia
Juventude sadia e formosa

(COLÉGIO BERLAAR IMACULADA CONCEIÇÃO, 2017, grifos nossos).

3.2 As práticas religiosas das professoras do Grupo Escolar João Alcântara

A Figura 4 mostra o desfile cívico de 7 de setembro de 1942, em Porteirinha/MG. No primeiro plano, vemos a professora egressa do Colégio Imaculada Conceição, Palmyra Santos Oliveira¹¹, como porta-bandeira. No segundo plano, um pequeno grupo de músicos composto por militares e civis. Logo atrás, um pelotão masculino. O que chama atenção é que a jovem professora do Grupo Escolar João Alcântara, instruída e formada nos valores católicos, conduzia a bandeira brasileira. A representação de ser o pavilhão nacional muito nos diz sobre o significado de ser professora na época.

Figura 4 - Desfile cívico em Porteirinha/MG, 1942



Fonte: GALLO, Julião Arroyo. *Álbum de fotografias*. Desfile 7 de setembro de 1942. 1 fotografia, Porteirinha/MG, janeiro de 1940.

Diante disso, a professora, dotada dos conhecimentos pedagógicos, de posse dos valores morais e cívicos e crente na fé e nos ensinamentos da Virgem Maria, era a condutora da educação moral e cívica das pessoas da cidade. As professoras do Grupo Escolar João Alcântara, de uma forma geral, ensinavam um conjunto de atitudes e comportamentos tidos como indispensáveis para a formação do futuro da Pátria.

As práticas discursivas, voltadas à preparação das mulheres enquanto mães-santas-professoras, mas também enquanto responsáveis por servir à Pátria, eram consideradas indispensáveis no interior do colégio. Após formadas, voltavam a seus lugares de origem e, nos espaços escolares e sociais, articulavam práticas a fim de produzir uma determinada experiência

¹¹ Palmyra Santos Oliveira nasceu em Montes Claros/MG, em 2 de abril de 1920. Formou-se normalista em 1938 pelo Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros. Mudou-se com a família para Porteirinha em 1941. Neste mesmo ano, começou a lecionar na escola primária da cidade. Em épocas natalinas, organiza, há mais de 30 anos, um grupo de pastorinhas (OLIVEIRA, 2008). Lançou, em 2008, seu primeiro livro, intitulado *Porteirinha: memória histórica e genealogia*. Em 2016 publicou a obra *Montes Claros, Porteirinha e outros amores meus...* Ambas são fruto de observações, anotações pessoais e memórias levantadas pela autora ao longo de mais de seis décadas e foram lançados pela editora O Lutador.

do que é polido, adequado, civilizado, enfim, educado¹². Nestes contornos, as professoras do Grupo Escolar João Alcântara de Porteirinha foram as responsáveis por formar a geração do futuro e o cidadão daquele tempo, respeitador das leis e dotado dos bons princípios morais e religiosos.

Veja que, do magistério feminino, esperava-se a formação do futuro da Pátria. Os discursos insistem no tom moralizante e prescritivo da mulher enquanto santa, mãe abnegada, esposa prezada, professora primária patriota, trabalhadora útil e integrada aos serviços da nação. Tudo isso nos diz muito sobre a atuação do professorado no Grupo Escolar João Alcântara e a educação das crianças.

Revestida de toda uma mística, a Semana Santa no Grupo Escolar refletia os costumes da sociedade. Ensinava a professora, em 1935:

É, portanto, um dever de gratidão ocuparmos durante a Semana Santa o nosso pensamento com a Paixão do Redemptor, acompanharmos as solenidades religiosas, fazermos o sacrifício do Jesus na quarta, quinta e sexta-feira e fazermos assim com que esta semana seja também para nos uma Semana Santa. Certamente compreenderá cada Católico que a Semana Santa é um tempo muito improprio para diversões profanas e que, por isso, não devemos ir ao cinema e em clubes (ESCOLA MISTA DO DISTRITO DE PORTEIRINHA, 1935, p. 13).

O mês de maio, além das comemorações da Abolição da Escravatura¹³ e do Dia do Trabalho¹⁴,

¹² O sujeito polido, civilizado e educado era aquele que estava em sintonia com o republicano, mas, particularmente, com os aspectos moralizantes, disciplinadores e de respeito à ordem estabelecida. “Em 18 de agosto de 1956, por exemplo, a diretora do Grupo Escolar João Alcântara falou sobre a comemoração do Dia do Soldado, pedindo às professoras que organizassem [...] os auditórios e os programas [...]. Em seguida, falou sobre os ensaios dos hinos e das marchas para a Semana da Pátria. E, novamente, pediu às professoras que ensinassem noções de *civilidade* e como portar em reuniões, em suas classes e, principalmente, na Igreja São Joaquim”. Em outra oportunidade, no dia 5 de maio de 1956, a direção solicitou às docentes que incentivassem e aplicassem, cuidadosamente, nas aulas de Educação Moral e Cívica, Ciências Naturais e Higiene, “o ensino cultivado na mais alta *civilidade* e nas boas maneiras no dia-a-dia, não deixando, por exemplo, os alunos sujarem a sala e nem rabiscarem as carteiras para que se torne o ambiente mais agradável” (GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1956, p. 4). No dia 25 de fevereiro de 1958, por sua vez, “a diretora [...] sugeriu às professoras a seguinte tarefa: para orientação do trabalho educativo objetivando a melhor disciplina, será o mês escolar dividido em quatro semanas: 1ª semana, da *Pontualidade*; 2ª semana, da *Atenção*; 3ª semana, da *Higiene*; 4ª semana, da *Polidez*. “Caberá à docente organizar o seu programa baseado na diretriz indicada e inculcar no aluno os melhores exemplos” (GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1956, p. 3).

¹³ Estas comemorações no Grupo Escolar, ligadas à cultura nacional e compostas de símbolos, representavam um modo de construir sentidos que influenciavam e organizavam ações e modos de conceber e perceber o mundo. Estas comemorações, ao produzirem sentidos nos alunos, ao gerarem uma identificação, construíam identidades. A data da Abolição da escravatura era festejada pelo Grupo Escolar considerando a princesa Isabel como heroína, que representava a “libertação” dos negros.

¹⁴ O Dia do Trabalho era comemorado em um auditório e incluía números de danças, dramatizações e leitura de poesias. Destaque para o poema *O trabalho*, de Olavo Bilac, que era comumente apresentado: “Tal como a chuva caída/ Fecunda a terra, no estio./ Para fecundar a vida/ O trabalho se inventou./ Feliz quem pode, orgulhoso./ Dizer: ‘Nunca fui vadio:/ E, se hoje sou venturoso,/ Devo ao trabalho o que sou!’/ É preciso, desde a infância,/ Ir preparando o futuro:/ Para chegar à abundância,/ É preciso trabalhar./ Não nasce a planta perfeita./ Não nasce o fruto maduro;/ E, para ter a colheita,/ É preciso semear...” (BILAC, 1929, s/p). Observamos que a representação do trabalho já inicia na infância; era preciso ensinar à infância o gosto pelo trabalho, pois era a partir dele que se construiria a grandeza futura do país. Era necessário acentuar os valores, sentimentos e hábitos desejáveis nas crianças, estabelecendo uma ordem centrada no trabalho. Era

era especialmente dedicado à Virgem Maria¹⁵. Nele, intensificavam-se as orações marianas, sobretudo a reza do terço ou do rosário.

O Grupo Escolar preservava os costumes religiosos marianos, pois já no começo do mês era preparada uma vasta programação para celebrar a Virgem Maria. Os auditórios dedicados às mães dos alunos ficavam lotados. Em 1946, por exemplo, depois de entoado o Hino Nacional, todos rezaram o Pai Nosso, a Ave Maria e fizeram a consagração à santa. Após este protocolo, vários textos que exaltavam a importância das mães no âmbito familiar e na sociedade foram lidos pelos alunos. Recital de poesias, danças e apresentações musicais também compuseram o evento (GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1946).

Em maio de 1945, o padre Julião faz o balanço prévio da coroação: “Para a coroação de Nossa Senhora, o número de crianças que está se preparando para este ato é superior a 100. Recebem também instrução das dedicadas e abnegadas cooperadoras nas funções religiosas, *as professoras da cidade*” (GALLO, 1945, p. 11, grifo nosso). Ele ainda acrescenta: “o Apostolado da oração por sua parte não cederá a supremacia nos esforços para que sejam coroadas de maior êxito possível as mais justas aspirações marianas no dia da coroação de sua Excelsa Protetora” (GALLO, 1945, p. 11).

Entre os meses de setembro e novembro, o Grupo Escolar trabalhava temas de cunho cívico¹⁶, como: o Dia 7 de setembro, o Dia da Asa e a Proclamação da República. No entanto, durante estes projetos, intercalavam histórias bíblicas como *Moisés, David e Golias, a Criação do Mundo, o Pecado e José do Egito*. Até mesmo parte da programação da Semana da Criança era dedicada aos ritos católicos: em 30 de setembro de 1952, “a diretoria sugeriu que durante a

um projeto de formação do novo homem brasileiro. No auditório do Grupo Escolar João Alcântara, em comemoração a esta data, as principais autoridades da cidade eram homenageadas. A figura do prefeito, do engenheiro, do padre, do contador e do médico era exaltada (GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1949; 1952). A representação do trabalho estava associada à figura do sexo masculino, branco e portador de um diploma de curso superior. O trabalho braçal e o das mulheres, por exemplo, nunca eram valorizados. Enfim, o trabalho era ligado a uma elite educada, masculina e branca, tida como “preparada para dirigir os destinos das outras pessoas”.

¹⁵ No hemisfério Norte, maio é o mês em que a terra faz surgir a terna folhagem e os verdes pastos, depois do frio e da neve do inverno, da cruel atmosfera, do vento selvagem e das chuvas da primavera. Em maio, os dias se tornam longos, o sol nasce cedo e se põe tarde. De acordo com Giorgio (1991), a escolha da Igreja Católica pelo mês de maio para cultivar a *Virgem* foi proposital. No século XVIII, informa Giorgio, alguns jesuítas italianos acreditavam que a chegada da primavera no mês de maio fazia desabrochar os amores adolescentes. “O culto e a proteção da Virgem seriam, portanto, fundamentais para conservar a pureza feminina e privar as jovens das tentações. Era uma prática religiosa preventiva que conferia uma dimensão sobrenatural aos amores adolescentes, difíceis de controlar na sociedade camponesa. A pureza da Virgem torna-se modelo de identificação, centro da educação feminina” (GIORGIO, 1991, p. 222).

¹⁶ As comemorações cívicas exaltavam os heróis e reafirmavam a importância das datas. As lições de civismo eram ensinadas em todas as atividades escolares, tornando-se uma prática vivida nos momentos cívicos, durante o Hino Nacional e nas reuniões das professoras. A edificação dessa memória cívica, pensada e construída a partir das comemorações cívicas, dentro e fora do Grupo Escolar, contou com a presença fiel do corpo docente e discente. Deste modo, nas festas de inaugurações de obras públicas, por exemplo, as professoras levavam um grupo de alunos para representarem o educandário. Estas mesmas professoras proferiam discursos com a finalidade de homenagear autoridades locais e regionais (conferir GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1952).

programação em comemoração à Semana da Criança conste a missa na Igreja São Joaquim” (GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, 1952, p. 12).

Além da disciplina Ensino Religioso (católico), outros projetos católicos foram desenvolvidos como festas juninas, Entronização da Imagem de Jesus Crucificado, as aulas de Catecismo na Escola, a Assunção de Nossa Senhora, o Natal etc. De modo geral, as práticas escolares foram guiadas sob a égide da Paróquia, que ajudou a Igreja Católica a promover sua influência e ocupação do espaço público por meio de suas expressivas ritualizações. Nesta estratégia, merecem destaque as duas associações religiosas da cidade: a Pia União das Filhas de Maria e o Apostolado da Oração.

Como foi dito, muitas professoras¹⁷ e filhas de pessoas influentes e poderosas da região participaram de associações religiosas e representaram uma juventude capaz de preservar o que se almejava: a virtude da pureza e o exemplo de mulher obediente e caridosa. Segue o quadro completo das professoras do Grupo Escolar que participavam dessas associações no período de 1937 a 1962:

Quadro 1 - Professoras do Grupo Escolar João Alcântara (1937-1962)

N.	Nome da professora	Participou do Apostolado da Oração ou Filhas de Maria
1.	Adelaide Cardoso dos Santos	
2.	Amelia Maiabe	
3.	Aurea Antunes Câmara	
4.	Aurenívia Gomes	
5.	Clotildes Mendes Carvalho	
6.	Dalva Caldeira Tolentino	
7.	Dedesia Angelica Teixeira	
8.	Delza Mendes Teles	
9.	Durçulina Antunes Câmara	x
10.	Eva de Oliveira Azevedo	
11.	Francisca Maria de Brito	
12.	Gecy Lima	x
13.	Geni Albuquerque Teixeira	
14.	Gertrudes Amaral	x
15.	Hilda Martins Gomes	x
16.	Idalice Coelho	x
17.	Ilca de Carvalho	
18.	Joana Álvares Morais	
19.	Letícia Coelho	x

¹⁷ Comparando os nomes constantes no Livro de atas da Pia União Filhas de Maria e os dos Livros de atas das reuniões das professoras do Grupo Escolar João Alcântara, observamos que pelo menos 14 participantes da diretoria da associação feminina eram professoras nesta escola durante o período do estudo (LIVRO DE ATAS DAS FILHAS DE MARIA..., 1951; OLIVEIRA, Maria do Carmo de (Org.), 2012; GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA, *Livro de atas das reuniões das professoras do Grupo Escolar “João Alcântara”*, 22/03/1956 a 06/05/1961; GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade e dos termos de visitas dos srs. Assistentes Técnicos*. Porteirinha/MG, 01/02/1946 a 16/07/1954). Maiores detalhes, consultar os capítulos 4 e 5.

20.	Lilia Alvarenga Carvalho	
21.	Lourdes Irlanda Matos	
22.	Lúcia Tibo	x
23.	Lucila Araújo Mendes	
24.	Maria Gildésia Angélica Brito	x
25.	Maria José Lacerda	
26.	Maria Lisbela Pereira	
27.	Mércia Ma. de Mendonça Azevedo	x
28.	Milva Monção	
29.	Miraci Teles de Brito	x
30.	Noemi Dalva Silva	x
31.	Palmyra Santos Oliveira	x
32.	Rosalva Antunes da Silva	x
33.	Stela Jansen	
34.	Suzete Teles de Brito	
35.	Terezinha Teles Santos	x

Fontes consultadas: 1) GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Boletins Mensais dos registros escolares*, 1944 a 1955; 2) GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade*, 1946; 3) GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Livro de atas das reuniões das professoras*, 1956; 4) Livro de atas da Pia União das Filhas de Maria, 1951 a 1966; 5) 1º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração, 1941 a 1949; 6) 2º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração, 1949 a 1957; 7) 3º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração, 1957 a 1967.

Deste universo, 40% das professoras (14) compuseram os quadros da diretoria das associações religiosas da cidade, ocupando importantes cargos como secretária, diretora, tesoureira e catequista.

Importante destacar que o levantamento foi feito a partir das assinaturas que constam nas atas das associações e do Grupo Escolar. Deste modo, o número de professoras que participou das associações da cidade pode ser até maior, haja vista que os membros da diretoria eram os únicos que assinavam as atas. Nas palavras de Rago, “à boa Filha de Maria cabia atentar para os mínimos detalhes do dia a dia de seu lar, vigiando e integrando-se sobre cada membro da família. Contudo, sem perder a sua fragilidade, a sua abnegação e a sua honestidade” (RAGO, 1985, p. 63-64).

Como dito anteriormente, grande parte destas professoras foi formada em colégios confessionais. O número de diretoras do Grupo Escolar, habilitadas pelo Colégio Imaculada Conceição, merece destaque aqui, conforme o Quadro 2 que se segue:

Quadro 2 - Diretoras do Grupo Escolar e formação docente

Período	Nome da diretora	Instituição de formação do Curso Normal	Local
1933 a 1938	Francisca Maria de Brito	Colégio Nossa Senhora das Dores	Diamantina
1939 a 1940	Stela Jansen	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1941 a 1944	Rosalva Antunes da Silva	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros

1945 a 1947	Maria Lisbela de Souza	Colégio Nossa Senhora das Dores	Diamantina
1948 a 1951	Lourdes Irlanda Matos	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1951 a 1952	Palmyra Santos Oliveira	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros
1953 a 1967	Lourdes Irlanda Matos	Colégio Imaculada Conceição	Montes Claros

Fontes: GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Boletins Mensais dos registros escolares*, 1944 a 1955; OLIVEIRA, 2012.

O Colégio Imaculada Conceição e o Colégio Nossa Senhora das Dores¹⁸, de Diamantina, foram responsáveis por formar todas as diretoras do Grupo Escolar João Alcântara durante as décadas de 1930 a 1960.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia básica da Igreja neste período era a necessidade de afirmar e fortalecer sua presença em todos os recantos do país. A hierarquia católica do Brasil, por meio dos seus líderes mais expressivos, passou a se preocupar em afirmar o prestígio da Igreja na sociedade, visando obter por meio desta forma uma maior aceitação dos princípios cristãos por parte da população. Atuando de modo especial junto às lideranças do país, no campo político e no educacional, os bispos julgavam que o Brasil se tornaria uma nação plenamente católica.

Para a Igreja Católica, a educação e a fé eram indissociáveis, educar consistia em formar cristãmente as pessoas. Durante o período, foi ampliado o número de estabelecimento de ensino de inúmeras congregações religiosas europeias no Brasil e a atuação de missionários no campo da assistência aos pobres, da saúde e, sobretudo, da educação. Além dessas congregações combaterem a “ignorância religiosa, fonte de todos os males da sociedade”, como acreditava a hierarquia, elas buscaram o apoio dos meios intelectuais, das camadas populares, da imprensa, dos homens públicos, das famílias e da escola.

O Colégio Imaculada Conceição, em especial, tinha por finalidade especial proporcionar às educandas instrução e educação sólidas, baseadas na religião e na moral a fim de prepará-las para os diferentes estados de vida, tornando-as virtuosas, habituadas ao trabalho, úteis à família e à sociedade.

Deste modo, pautada em uma forte educação católica, a formação docente no colégio foi destinada à família e à sociedade e preparou a mulher para os diferentes estados de vida, ou seja, formou a jovem virtuosa, a esposa zelosa, a mãe cuidadosa, a professora católica. O

¹⁸ O Colégio Nossa Senhora das Dores, localizado na cidade de Diamantina/MG, foi um educandário religioso feminino fundado em 1866 por Dom João Antônio dos Santos, o primeiro bispo de Diamantina, e pelas freiras francesas vicentinas que chegaram a Minas Gerais em 1848. Detalhes, consultar Asano (2002).

trabalho da professora egressa do colégio era tido muito mais como missão sagrada do que como uma profissão. Não se tratava, portanto, de uma educação profissionalizante, mas de uma educação voltada para o polimento das mulheres.

Como reflexo da formação docente, o Grupo Escolar também se revelou um espaço racionalizado e carregado de símbolos e discursos católicos. Amparada por uma moral religiosa e por um ambiente disciplinador, a escola seguiu os passos, as orientações, as condutas e os comportamentos da sociedade daquele tempo. Os preceitos católicos eram o uniforme moral do Grupo Escolar. As comemorações aos santos e heróis serviram para lembrar tons e formas de vivenciar a realidade e lhes dar sentido. Na escola, a fé era sempre renovada e comemorada em auditórios e em projetos, tendo como base o calendário escolar, que seguia o calendário litúrgico católico.

Nesse espaço escolar, portanto, são visíveis as características de uma moral católica em detrimento dos preceitos de uma escola pública. Embora existissem alunos oriundos de famílias protestantes e espíritas, o que foi registrado e mantido historicamente foi a memória católica. As fontes nada dizem das outras religiões. Há um profundo silêncio quanto aos outros credos. Esta evidência nos leva à ideia do predomínio da concepção tridentina, que afirmava ser inadmissível que o Catolicismo não tivesse seu espaço na escola pública, haja vista considerar as orientações espirituais superiores às temporais.

Finalmente, percebemos a cidade norte-mineira Porteirinha como o lugar carregado de matrizes globais, nacionais e regionais, onde os elementos políticos, educacionais, religiosos e sociais, em suas dimensões simbólica e material, chegaram, estabeleceram-se e se combinaram de forma nem sempre pacífica. Nestes termos, neste trabalho, a ênfase sobre a história local não se opôs à história global, ou seja, o recorte sobre história local apenas designou uma delimitação temática inclusiva em função das particularidades que se quis determinar, no âmbito do espaço social e temporal escolhido.

Por outro lado, sabemos que a temática sobre a Igreja, numa visão geral e no meio científico, é recorrente. No entanto, este trabalho contribuiu para desvendar as minúcias do âmbito regional e local. Em outras palavras, o particular aqui foi analisado e, mediante a história da Igreja Católica nesse recanto mineiro e sua influência no ensino, conseguimos ver as teses gerais acerca da história da Igreja e da história das instituições escolares brasileiras.

REFERÊNCIAS

1º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha. Porteirinha/MG, 30 de outubro de 1941 a 11 de setembro de 1949.

2º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha. Porteirinha/MG, 9 de outubro de 1949 a 3 de março de 1957.

3º Livro de atas do Centro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Paróquia de Porteirinha. Porteirinha/MG, 7 de abril de 1957 a 30 de abril de 1967.

A VERDADE. *Collegio da Immaculada Conceição*. Anno I, N. 20. Montes Claros/MG, 26 de outubro de 1907, p. 4.

AGOSTINHO, Santo. *De Magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

ASANO, Sandra Nui. Colégio Nossa Senhora das Dores e a formação de piedosas Filhas de Maria, dedicadas professoras e perfeitas esposas. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2002, Natal/RN. *Anais...* Natal: SBHE, 2002.

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo - Terceira época (1930-1964)*. Tomo II. Petrópolis: Vozes, 2008.

BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi01.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

BORGES, Kátia Franciele Corrêa. *Santa, esposa-mãe e professora: Revista Flor do Lácio e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros (1943-1957)*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, 2011.

CARNEIRO, Elizabete Barbosa. *Da Bélgica a Montes Claros: Memória das Irmãs do Sagrado Coração de Maria e a Construção do espaço feminino na cidade - História e memória do espaço feminino em Montes Claros*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2003.

_____. *As Irmãs do Sagrado Coração de Maria e a construção do ideal feminino em Montes Claros*. XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Londrina/PR, 2005. *Anais...* Londrina: ANPUH, 2005.

CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. História/historiografia da educação e inovação metodológica: fontes e perspectivas. In: COSTA, Célio Juvenal Costa; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo (Orgs.). *Fontes e métodos em história da educação*. Dourados/MS: UFGD, 2010, p. 79-110.

CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÃO SOCIAL (CERIS). *Anuário Católico do Brasil*. Departamento de Estatística. Rio de Janeiro, 1965.

COLÉGIO BERLAAR IMACULADA CONCEIÇÃO. *Hino do Colégio Imaculada Conceição*. Disponível em <<http://www.imaculadamoc.com.br/index.php/imaculada/historia>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

ESCOLA MISTA DO DISTRICTO DE PORTEIRINHA. *Livro de acta de exames e termo de promoções da escola mista do distrito de Porteirinha*. Grão Mogol/MG, 1929.

FLOR DO LÁCIO. *Impresso do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros*. Montes Claros/MG, Fascículo n. 2/1943.

_____. *Impresso do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros*. Montes Claros/MG, Fascículo n. 4/1944.

_____. *Impresso do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros*. Montes Claros/MG, Fascículo n. 5/1945.

GALLO, Julião Arroyo. *Álbum de fotografias*. Catechismo. Porteirinha/MG, 1945.

_____. *Álbum de fotografias*. Desfile 7 de setembro de 1942. 1 fotografia, Porteirinha/MG, janeiro de 1940.

GAZETA DO NORTE. *Colégio “Imaculada Conceição”*. Montes Claros/MG, 1949, p. 4.

GIORGIO, Michela. O modelo Católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. v. 4. Porto/Portugal: Afrontamento; São Paulo/Brasil: Ebradil, 1991. p. 199-237.

GRUPO ESCOLAR JOÃO ALCÂNTARA. *Boletins Mensais dos registros escolares do Grupo Escolar João Alcântara*. Porteirinha/MG, 1944 a 1955.

_____. *Livro de atas das reuniões das professoras do Grupo Escolar João Alcântara*. Porteirinha/MG, 1956.

_____. *Livro de atas das reuniões das professoras do Grupo Escolar “João Alcântara”*. Porteirinha/MG, 22/03/1956 a 06/05/1961.

_____. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade e dos termos de visitas dos srs. Assistentes Técnicos*. Porteirinha/MG, 1946.

_____. *Livro de atas de exames, termos de promoções, de instalação da escola desta cidade e dos termos de visitas dos srs. Assistentes Técnicos*. Porteirinha/MG, 01/02/1946 a 16/07/1954.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Anuário Estatístico do Brasil*. Ano VII - 1946. Rio de Janeiro, 1947.

_____. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. v. XXVI. Rio de Janeiro, 1959.

JORNAL MONTES CLAROS. *Collegio da Immaculada Conceição*. Montes Claros/MG, 10 de maio de 1928, p. 3.

LIMA, Geraldo Gonçalves de; GATTI JÚNIOR, Décio. A atuação da Congregação do Sagrado Coração de Maria de Berlaar em Minas Gerais, Brasil (1907-1971): apontamentos históricos e histográficos da Educação a partir de arquivos e fontes. *Educação e Filosofia*, v. 30, n. 59, p. 23-52, jan./jun., 2016.

Livro de atas da Pia União das Filhas de Maria da Paróquia de Porteirinha. Porteirinha/MG, 10 de outubro de 1951 a 19 de dezembro de 1966.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996.

MELO, José Joaquim Pereira; SALINAS, Walmir Ruis. A Educação Agostiniana: princípios e aplicação. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 2, n. 2, jan./jun., 2013, p. 189-201.

MOURA, Laércio Dias de. *A Educação Católica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

OLIVEIRA, Maria do Carmo de (Org.). *Escola Estadual João Alcântara 1912-2012 - há cem anos fazendo história*. Porteirinha: Grafiminas, 2012.

OLIVEIRA, Palmyra Santos. *Montes Claros, Porteirinha e outros amores meus*. Belo Horizonte: O Lutador, 2016.

_____. *Porteirinha: memória histórica e genealogia*. Belo Horizonte: O Lutador, 2008.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros: sua história sua gente seus costumes*. Parte I, Coleção Sesquicentenária, v. 1. Montes Claros/MG: Unimontes, 2007.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

VIANA, Urbino. *Monographia do municipio de Montes Claros: breves apontamentos historicos, geographicos e descriptivos*. Imprensa Official do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1916.

SOBRE OS AUTORES

Wilney Fernando Silva é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG).
E-mail: wilneyfernando@yahoo.com.br

Gersiane Franciere Freitas Ribeiro é Mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG).
E-mail: gersiane.ribeiro@ifnmg.edu.br

*Recebido em 26 de junho de 2019.
Aprovado em 04 de novembro de 2019.
Publicado em 14 de novembro de 2019.*